



## ENTREVISTA CHRISTOPHER BOLLAS<sup>1</sup>

### O MOMENTO FREUDIANO

*CG – Em resumo, o que foi o momento freudiano?*

CB – Foi quando Freud pediu ao analisando que associasse livremente ao sonho.

*CG – E por que isso é um momento particular?*

CB – Acho que “nós” estivemos esperando milhares de anos por alguém que escutasse nosso sonho e nos perguntasse o que nos vem à mente enquanto pensamos sobre ele.

*CG – Esse momento foi plenamente realizado?*

CB – Não, e é por isso que, em grande parte, escrevi este livro. Assim que descobriu seu método de associação livre, Freud cometeu um sério erro categórico, o que confundiu seus colegas e direcionou sua profissão de maneira equivocada.

*CG – Que erro foi esse?*

CB – A ideia de que poderíamos relatar um sonho como se estivéssemos andando de trem e olhando pela janela, relatando o que víamos. Isso não é possível. Um trem está em movimento, e, assim, a analogia de Freud nos pede que consideremos que nossas associações livres traduzem imagem em palavra, quando, se relatarmos o que vemos, estamos apenas relatando uma imagem. Sua teoria do relato é, na verdade, uma resposta psicótica ao sonho, simplesmente adicionando outra forma de alucinação ao ato de sonhar.

1 Entrevista realizada em 2024 pelo canal da internet *Compondo com Gaia* (CG).

CG – *Ele corrigiu isso?*

CB – Não, mas uma de suas outras teorias – que a associação livre ocorre no intervalo entre duas associações contíguas separadas (e muitas outras que se seguem) – nos permite receber o pensamento inconsciente e objetificá-lo na consciência. Isso é um grande passo tanto hermenêutica quanto estruturalmente. É uma expansão da mente.

CG – *Neste livro, você critica a atual paixão pelas interpretações de “transferência aqui e agora”. Por quê?*

CB – É talvez um dos momentos interpretativos mais importantes e produtivos em uma análise, se usado moderadamente. Se for rotineiro – como é agora –, paradoxalmente destrói o potencial polissêmico, indicando como as associações, em parte, passam pela transferência.

CG – *Você afirma que, quando rotineiro, é uma ideia de referência na contratransferência?*

CB – Sim, e isso é uma grande lástima. Precisamos libertar a psicanálise de nossas certezas.



### **Segure-os antes que caiam**

CG – *Qual é a sua teoria, em poucas palavras?*

CB – Quando um analisando está “entrando” em um colapso, é algo clinicamente transformador o analista oferecer sessões adicionais para acompanhar o analisando durante essa prova potencialmente produtiva.

CG – *Você enfatiza que cabe ao analista, e não ao paciente, fazer essa sugestão?*

CB – Sim. É importante que haja resistência egoica a essa mudança no enquadre. Essa resistência reflete a saúde do ego e testemunha o investimento do self no desenvolvimento egoico.

CG – *Por que isso é tão importante?*

CB – Porque queremos que o analisando esteja motivado a se aliar à sua saúde, o que será crucial. E não queremos oferecer isso a analisandos que desejam regressir e veem a análise como um fim regressivo em si mesmo.

CG – *No livro, você deixa claro que não oferece sessões prolongadas para pessoas que buscam regressão.*

CB – Sim, e o tempo mostrou que essa distinção é muito importante. Eu não concordo com Winnicott, por exemplo, em que a regressão é eficaz por si só. Por exemplo, com o histérico é um desastre, pois isso permite a encenação como um fim em si mesmo.

CG – *Você escreve que ofereceu, ocasionalmente, sessões de um dia inteiro, ao longo de um fim de semana. Algo como três dias, e não mais do que isso. Existe um acordo em que o limite será de três dias?*

CB – Não, não há limite de tempo definido. No entanto, aprendi ao longo dos anos que o primeiro dia é o agente transformador. Começamos às 9 da manhã e trabalhamos até 1 da tarde, quando há uma pausa de cerca de 40 minutos para o almoço. Depois, retomamos até algum momento entre 4 e 6 da tarde. Eu defino o horário antes de nosso encontro, dependendo da necessidade clínica, como a vejo. Então, no segundo dia, é a mesma quantidade de tempo, mas à tarde o paciente começa a emergir da regressão. E, no terceiro dia, fica claro que “isso” cumpriu sua função.

CG – *E qual é essa função?*

CB – Dar ao analisando “tempo de sonho” suficiente para processar estados do self profundamente angustiantes, complexos e sobredeterminados. Uma única sessão de 45 minutos – mesmo cinco vezes por semana – simplesmente não é suficientemente extensa para conter e transformar os afetos brutos e as comunicações profundamente complexas que aparecem em uma sessão de um dia inteiro.

CG – *E então, quando acaba, você e o analisando simplesmente retornam ao enquadre anterior?*

CB – Sim, sempre. Estava claro para ambos os participantes que isso seria uma adaptação temporária às suas necessidades clínicas e que voltaríamos à análise regular assim que fosse apropriado.

CG – *E quanto a referências de volta às sessões de três dias?*

CB – Curiosamente, isso “em si” não é visto como algo excepcional. Parece muito natural: apropriado e responsável.

*CG – Mas você deve ter enfrentado algumas dúvidas sobre isso ou, pelo menos, aquelas de seus colegas?*

CB – Bem, a evidência é que Freud estendeu as sessões, e certamente Winnicott também o fez. Eu poderia citar muitos outros exemplos. Muitos analistas fizeram ajustes no enquadre para ajudar seus analisandos. O ponto é que o analista deve ser muito claro sobre isso com o paciente e explicar tudo para que o processo possa começar e simplesmente seguir em frente.